

## A CRISE DE HABITAÇÃO

Vai a Câmara Municipal procurar intervir neste assunto—o da crise de habitação. A proposta sobre a qual vai recair a discussão não resolve porém a dificuldade. Que incentivo dá a Câmara para a construção? A venda do terreno e a um ou outro a construção feita por conta da Câmara e o pagamento em prestações. Isso não nos parece. O bastante para facilitar a rápida construção das inúmeras habitações que são necessárias.

Um dos defeitos da proposta é dar-se aos aglomerados dessas habitações o carácter de bairros económicos, com o seu inevitável aspecto de miséria. Além disso para a construção desses bairros são previamente precisas tantas obras que receamos muito que se percam alguns anos com os preliminares sem que se construa uma única casa. O exemplo dos bairros sociais é bem frisante: ainda hoje lá não vive ninguém e já passaram alguns anos desde que as construções se iniciaram.

Mas a proposta inclui um erro gravíssimo e é a perseguição movida aos hóspedes, que já a lei do inquilinato cometeu. E' assim mesmo. Chega a ser incrível, que ao estabelecer-se restrições aos inquilinos de sub-arrendarem, ninguém repare que o mais prejudicado é precisamente o desgraçado que tem de sujeitar-se a tomar de arrendamento um quarto ou parte de casa.

O que se estabeleceu na lei do inquilinato e o que aparece agora nessa proposta à Câmara Municipal tem esta deplorável consequência: auxiliar a especulação dos sublocadores dos prédios onde, com consentimento do senhorio ou em certos casos da lei do inquilinato, eles possam exercer essa especulação. Não se compreende isto. Nos países onde há crise de habitação, na Alemanha por exemplo, impoz-se a obrigação de admitir hóspedes. Na Alemanha regulamentou-se mesmo

o número de divisões que cada família em proporção com os membros que a constituíam, poderia reservar para si.

Não queríamos isso. Essa obrigação é uma violência, pois admitir hóspedes é muitas vezes admitir dentro de casa pessoas que não são de confiança. Mas também não podemos concordar exactamente no oposito: a proibição de sublocar um quarto ou parte de casa, impossibilitando assim o atenuar-se a crise de habitação e reduzi-se a especulação que se faz com os próprios hóspedes. Que se estabelecessem restrições e certas medidas para os inquilinos que subarrendem por preços mais elevados do que o que deveriam receber proporcionalmente, estava bem e era um critério justo. Mas proibir completamente a sublocação é um absurdo.

A proposta apresentada à Câmara Municipal repete essa estúpida disposição da lei do inquilinato. Vê-se bem que os pobres dos hóspedes que não podem conseguir nunca mandar fazer uma casa, mesmo nos bairros pobres da Câmara Municipal, não foram dignos da atenção do autor da proposta.

Isto e o tal carácter de bairros miseráveis dado a essas construções são os dois pontos mais censuráveis da forma como se pretende resolver o problema. Porque a verdade é que desde que se construa em grande quantidade e por toda a parte, não há necessidade nenhuma em fazer bairros para a pobreza e obrigar os que dispõem de poucos recursos a ir viver à parte do resto da população.

Construir está bem. Mas por toda a cidade indistintamente e dando a Câmara todas as facilidades aos que possam dispor de dinheiro e construindo por sua própria conta para os que não disponham de capital. Tudo quanto não seja isto são planos... que não passarão de planos.

## A CONQUISTA DO PENACHO

### Estamos em pleno golpe de Estado

António Maria da Silva, recusando-se a obedecer às indicações do parlamento e do chefe do Estado, está governando inconstitucionalmente

Os políticos vão envolver-se em desordem — e o proletariado não tem nada com isso...

Um jornal diário, como *A Batalha*, tem por vezes de desempenhar-se de missões bem ingratas. Somos forçados a informar a massa operária, o proletariado, dos acontecimentos políticos que vêm desenrolando-se no país.

Já ontem dissemos que o sr. António Maria da Silva se encontra na disposição de não largar o poder. A votação da Câmara dos Deputados indicou-lhe o caminho da demissão. Ele não se conformou. A sua esperança estava ainda na possibilidade do chefe do Estado lhe conceder a dissolução do parlamento. Convinha-lhe a dissolução para manejar as próximas eleições a favor da facção conservadora do Partido Democrático, convinha-lhe a dissolução para ser o ditador em Portugal, para favorecer as forças vivas que o olham com simpatia.

O presidente da república, porém, dentro dos princípios que pretende observar e manter, recusou-lhe a dissolução parlamentar. Restava, portanto, a António Maria o caminho da demissão. Desautorizado pelo parlamento e pelo chefe do Estado, só essa atitude poderia escolher. Teimar em manter-se no poder, contra a vontade das duas entidades supremas—o parlamento e o chefe do Estado—é assumir uma atitude revolucionária, pouco justificável numa criatura que fala tanto de ordem. Pois foi precisamente pelo caminho da desordem que António Maria da Silva enveredou. Mantém-se no poder, mantém-se no governo.

Desde ontem à tarde, desde que o chefe do Estado lhe recusou a dissolução que o actual governo se encontra numa posição de ilegalidade, de absoluta hostilidade contra os chamados poderes constituídos.

Estamos, pois, devido às ambições odiosas dum homem, nas vésperas de gravíssimos acontecimentos. O Parlamento e o chefe do Estado indicaram ao governo, pelos processos normais, a imediata demissão. E o governo fez de conta que tais indica-

ções não existiam. E, quanto a nós, parece-nos que o chefe do Estado, seguindo como tem seguido sempre a letra da lei e da Constituição, poderia imediatamente iniciar as consultas da praxe para a formação do novo governo. E se os ministros teimosos persistissem em não largar o que não lhes pertencia... mandá-los-ia prender, que é o que se costuma fazer a quem se atribui cargos oficiais para que não foi nomeado.

Mas a realidade da actual situação política cifra-se nesta frase: estamos em pleno golpe de Estado, embora um presidente da República, que já não manda, esteja no seu palácio, e um Parlamento que não é obedecido, continue aberto.

Claro que esta melindrosa situação não pode manter-se. Estamos à beira de mais uma revolução. António Maria empurrou os acontecimentos para a estrada da violência—e a violência é inevitável.

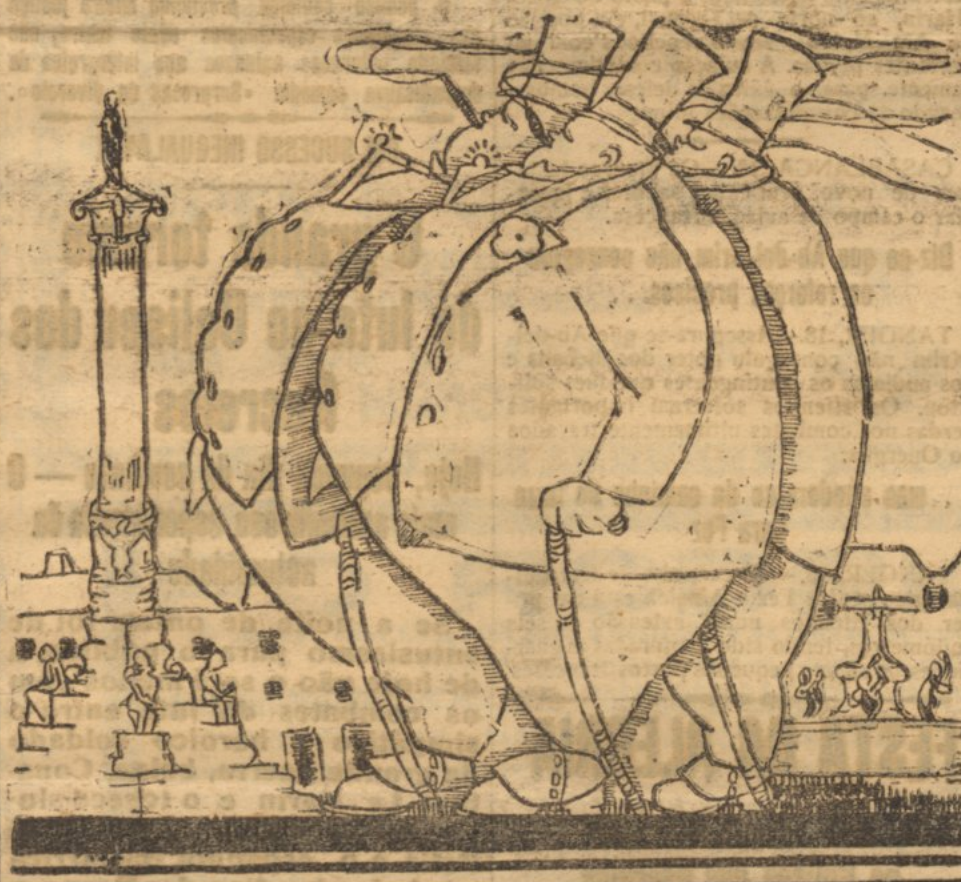
Vai o proletariado assistir a mais uma revolução política, sem objectivos altos, sem intuições sérias, sem razões de verdadeiro interesse para o país.

Nessa revolução há apenas uma entidade que vai, mais uma vez, perder—o povo. O povo pagará tudo, o povo será atingido pelas balas que o procurarem, como já tem sucedido, em sua própria casa, o povo será a eterna vítima.

Não tem o proletariado que intervir na luta que vai travar-se, excepto na parte que se refira à defesa das suas regalias escassas de classe explorada.

O resto—é com eles. Querem o penacho? Que lutem para conquistá-lo, que se matem uns aos outros, que se insultem e aniquilem mutuamente. E lá com eles. Nós só temos de pedir-lhes contas pelos prejuízos que suas lutas baixas, rasteiras, isentas de ideal, venham a causar ao povo—única entidade que tem direitos definidos e autênticas liberdades a conquistar.

## ENQUANTO O MUNDO TRABALHA



1925  
—Parece impossível que ainda haja quem queira destruir esta sociedade... Está-se tão bem assim...

## A questão da China

Os Ingleses manobram

LONDRES, 18.—O sr. Chamberlain conferenciou com os embaixadores da França, do Japão e dos Estados Unidos sobre a possibilidade duma acção comum no Extremo-Oriente.

Os chineses manifestam-se

VIENA, 18.—Os chineses e austríacos comunistas realizaram uma grande manifestação junto da legação da China, tendo sido efectuadas numerosas prisões.

Vai fazer-se um inquérito?

LONDRES, 18.—Segundo o ministério dos estrangeiros, a conferência internacional sobre a China deve ter como principal objecto de discussão os conflitos de 31 de Maio em Shanghai, entre estudantes chineses e a polícia.

Afirma-se que será simplesmente sugestionado um inquérito judicial sobre as circunstâncias em que teve início o citado incidente.

Qualquer disposição a adoptar deve partir, naturalmente, do corpo diplomático acreditado em Pequim.

LER E ASSINAR

## Os Mistérios do Povo

## LEIAM A MANHÃ O SUPLEMENTO DE A BATALHA

SUMARIO:

O elogio do snobismo.

A prostituição e as criadas de servir por Cristiano Lima.

O fenómeno religioso é um fenómeno sociológico por José Carlos de Sousa.

O sr. director geral, peça num acto, original de Eduardo Frias, com ilustrações de Rocha Vieira.

Os verdadeiros e reflexivos heróis por J. B.

A pena de morte. Livros novos. O que todos devem saber... Chico, Zecas & C.ª com gravuras.

Propaganda anti-soviética

MOSCÓVIA, 18.—O sr. Tchitcherine, commissário do povo para os negócios estrangeiros, declarou aos jornalistas ter recebido informação da existência em Berlim duma fábrica de documentos falsos destinados à propaganda pela criação duma frente única anti-soviética.

## DEFININDO DOUTRINAS

### A POLÍTICA DE MOSCÓVIA

O critério de Inácio de Loyola e a acção moscovitária no movimento revolucionário

Não foi sem intenção que fechámos o último artigo com estas palavras: «Sirva este de aviso a todos quantos ingenuamente têm acreditado na falsa sinceridade e revolucionarismo de partidários da I. S. V.»

Sim: de não dos. E que nós fazemos distinção entre os que, embora ligados por um pacto comum, são meros colaboradores passivos na obra de dissolução e de segregação do proletariado e aqueles que são seus agentes directos, activos e conscientes.

Distinguimos ainda destes dois grupos aqueles outros, o maior número, que desconhecem em absoluto as razões de alta política que move a campanha, rude e insincera, contra a C. G. T. por parte da Internacional e de outros jornais: esse maior número, em grande parte indiferente às lutas de ideias e ignorando o que se passa nos bastidores dos partidários da I. S. V. em relação a táticas; possivelmente mais preso a processos eleitorais, graças à tradicional educação política, do que a perscrutar o porquê das mudanças de atitude dos seus militantes, cerra os olhos e deixa correr as coisas ao belo prazer daqueles em quem depositou a sua confiança.

E é assim que estes se apresentam como se representassem uma força—força ilusória que tem apenas o mérito de fazer acreditar a alguns mais incauto que do seu lado existe qualquer espécie de razão em assim proceder.

Ora é bom saber-se que toda a acção absorvente dos partidários da I. S. V. obedece a um *mot-d'ordre* de Moscóvia, que já não é de agora. Nasceu com a constituição da própria I. S. V.

E para que não se diga que inventamos a *ordem* moscovita, a qual obedece a *International* e os partidários da I. S. V. na sua negregada obra de absorção: (O italiano é nosso).

1.º—Um Comité especial deverá ser organizado em cada país pelo Partido Comunista, ou por um organismo sindical em cooperação com o Partido Comunista.

2.º—O Comité se encarregará de distribuir em todas as organizações de trabalhadores, tanto Sindicatos como em Unões e Federações, todas as circulares e mais publicações da I. S. V.

3.º—O Comité nomeará camaradas especialmente preparados para publicar nos jornais profissionais ou para utilizar os jornais profissionais revolucionários já existentes, acrescentando-lhes suplementos que exprimam o ponto de vista da I. S. V., sustentando uma propaganda enérgica contra o secretariado da Internacional de Amsterdão.

4.º—O Comité fará também propaganda de crítica e insultos nos jornais dos Sindicatos e polemizará na imprensa diária.

5.º—O Comité trabalhará em estreita colaboração com o Partido Comunista, sendo, não obstante, um órgão totalmente diferente e distinto.

6.º—O Comité contribuirá para a convocação de conferências nacionais e locais, onde se discuta sobre questões de organização internacional e escolherá oradores para a propaganda da nossa política e organização.

7.º—O Comité será composto de cama-

radas preferentemente comunistas, pertencentes às organizações sindicais ou que com elas se encontrem em relação. Os membros do Comité serão eleitos por uma organização sindical, com a aprovação do Partido Comunista e do seu Comité Executivo.

Querem mais?

Todas as tentativas e realizações moscovitárias no seio do proletariado português se encerram no conjunto de ordens contidas naquele documento.

Assim se explica a constituição do Comité Executivo dos Partidários da I. S. V. assim se explica a publicação da *International*; assim se explica a nova feição moscovitária de órgãos corporativos defendendo a política de Moscóvia com prejuízo da boa e sã orientação revolucionária das respectivas classes; assim se explica a publicação de novos órgãos corporativos com igual feição política, preferentemente à educação revolucionária consciente das populações sindicais dos organismos a que esses órgãos pertencem.

Em vez desta educação sã e animada do espírito emancipador, espalha-se o vírus venenoso duma baixa política; em vez da propaganda do cérebro e da dignificação pessoal e colectiva, faz-se uma política nem sempre isenta de calúnias, de pessoalismo, de mútua desconfiança, de ódio desagregador.

E, não tenhamos dúvida: Essa forma de propaganda, de crítica e de ataque está também contida nos processos políticos de Moscóvia, e foram primeiramente usados pelo próprio Lênine no ataque aos seus adversários.

São de Lênine estas palavras e para elas chamamos a atenção de todos aqueles que acreditam na veracidade de certos ataques colectivos e pessoais providos dos jornais moscovitários; elas não definem apenas um carácter—definem uma tática: «No ataque aos opositores políticos o que é importante é a forma do ataque e não o conteúdo. Em realidade, a forma representa o tom que orienta toda a música. A forma deve ser, pois, tal que provoque no ouvinte ou no leitor ódio, desprezo, horror contra os atacados. A missão da forma não é convencer mas dispersar as filas dos adversários, não melhorar os seus defeitos, mas aniquilar a sua organização e a sua actividade, extirpá-las da terra. A forma do ataque deve ser tal que incite aos piores pensamentos e à suspeita e leve o C.º e a desorientação às fileiras do proletariado.»

Sendo-lhe perguntado se esse procedimento não era reprovável, ele respondeu: «Certamente, quando se aplica ao próprio partido e contra os próprios camaradas. Mas na luta contra todos os adversários políticos não só esse método não é reprovável, mas até digno de recomendação e necessário.» (Krasnaia Leontovs n.º 7, discurso de Lênine no V Congresso da disciplina democrática russa).

Para se conseguir fins políticos, não se olha a meios—embora tais meios levem a organização do proletariado ao caos.

Inácio de Loyola e seus séculos não pensavam nem procediam de maneira diferente para conquistarem o domínio do mundo.

## UM DESVIO LAMENTAVEL

A Universidade Popular Portuguesa diz-nos das suas intenções ao organizar os Serões de Arte

Conforme ontem dissemos a Universidade Popular Portuguesa enviou-nos o comunicado que a seguir reproduzimos:

Sr. director do jornal *A Batalha*.—O conselho administrativo da U. P. P., tendo apreciado atentamente a local publicada em *A Batalha* de hoje, sob o título «Um desvio lamentável» resolveu comunicar a v. as seguintes observações:

1.º—O serão de arte hoje realizado é o 3.º duma pequena série que a U. P. P. resolveu promover no presente ano lectivo sobre arte social, arte patriótica e arte religiosa, sendo a ordem da sua realização puramente ocasional, forçadamente dependente das possibilidades dos seus colaboradores;

2.º—O plano destes serões é da exclusiva responsabilidade da U. P. P. Só muito instado o sr. António Arroio anuiu, com sacrifício da sua saúde, a organizar o serão de arte religiosa;

3.º—Foi por convite do sr. A. Arroio que se prestaram a colaborar no serão de arte as ex.ªs sr.ªs D. Maria Cid Coutinho, D. Maria José Borges, D. Pilar Sérgio de Sousa, e dr. José Pereira. Esta colaboração consistiu na execução de trechos de canto, de piano, e de órgão, sendo a exposição verbal feita exclusivamente pelo sr. A. Arroio;

4.º—A conferência deste sr. sobre *relações entre as religiões e a arte*, é um notável trabalho, de pura exposição histórica e filosófica; fora e acima de todos os credos religiosos, portanto completamente destituído de fins apologeticos de qualquer religião em especial, ou mesmo da religião em geral. Garantia disso, foram sempre, para a U. P. P., a obra superior de crítica artística, histórica e filosófica do ilustre escritor, sobejamente conhecido do público culto, e o conhecimento particular da elevação do seu carácter e da pureza da sua dedicação pela cultura popular.

5.º—A sr.ª D. Pilar Sérgio de Sousa, não é a esposa do sr. dr. António Sérgio, nada tendo com o incidente referido em *A Batalha*, sendo portanto, totalmente descabidos os comentários feitos;

6.º—Pelo programa impresso, que junto enviamos, e que *A Batalha* poderá publicar para elucidação dos seus leitores, se verá claramente que o programa não é nitidamente católico, como se afirma com

erro. Há insistência de temas religiosos, porque, tratando-se de arte religiosa, outros temas mesmo não podem ser tratados! 7.º—De tudo isto se conclue que ninguém teve neste serão a preocupação de fazer propaganda católica, sendo gravemente injusta tal acusação feita nesta conjuntura. Ilustre senhora D. Pilar Sérgio de Sousa.

O fim último, porém, deste como dos outros serões de arte, desta como de todas as iniciativas da U. P. P. é exclusivamente da nossa responsabilidade, e consiste apenas na divulgação imparcial do maior número possível de elementos de cultura. O conhecimento exacto das importantes relações entre as religiões e as artes, é um desses indispensáveis elementos de cultura.

8.º—Quanto ao critério da U. P. P. sobre estes graves problemas da arte, da religião, de Deus, etc., etc., nas suas relações com a cultura popular, entendemos nós que ele é certamente discutível, e porventura errado. Mas entendemos também que a sua discussão só proficilmente se pode fazer dentro da própria Universidade, onde para isso tem facilidades acesso todas as pessoas, sejam quais forem as suas opiniões e credos políticos-religiosos. Dizemos proficilmente, porque uma tal discussão na imprensa corre o risco de levar a erros, falsidades e graves injustiças, por falta de suficientes elementos de informação e de convenientes condições de imparcialidade e precisão científica.

Esperando o obsequio da publicação destas declarações, subscrevemo-nos de v. etc.

—Pelo conselho administrativo—A. Ferreira de Macedo, José Carlos de Sousa, Alexandre Vieira, Augusto Carlos Rodrigues, Ovídio Justino Borges, José Augusto Pereira.

Respeitado o desejo do conselho administrativo da Universidade Popular Portuguesa com a publicação da sua nota, sem outros comentários, demos a palavra ao nosso camarada Nogueira de Brito, distinto crítico de arte que assistiu ao Serão de Arte Religiosa.

O critico de arte de *A Batalha* diz-nos o que foi o Serão de Arte Religiosa. Não é demais que encareçamos, mais uma vez, a obra educativa que a Universidade

## Para vergonha desta República

O tuberculoso que está incomunicável na esquadra do Caminho

Novo já não pode comer devido a terem-se-lhe agravado os padecimentos

Que diz a isto a Liga dos Direitos do homem?

Os presos que se encontram na esquadra do Caminho Novo, apesar da ilegalidade da sua situação permanecem naquela moderna Bastilha há mais dum mês num regime de incomunicabilidade. São 12 operários que os felinos instintos dos «xavieiros» do governo civil para ali arremessaram sem respeito pelas mais rudimentares normas jurídicas, pelo mais elemental princípio de humanidade.

Chegou-se ao extremo. Nem a lei já serve para regular o delírio dos modernos verdugos, nem já o respeito pela vida neutraliza a sua ferocidade. A onipotência da polícia é mais soberana do que todos os princípios estabelecidos através de lutas heróicas, através gerações.

Entre os presos da esquadra que nos estamos referindo encontra-se o operário metalúrgico José da Silva, com uma tuberculose bacilar em adiantado estado. Nos países reaccionários a este infeliz seria dado destino, hospitalizando-o, não só para lhe amenizarem a existência com o tratamento conveniente, como ainda para preservar os seus companheiros de cárcere dos perigos contagiosos. A polícia de Lisboa, com outras noções de civilidade não pensa assim. Se o preso morrer enterra-se, não se permitindo, no entanto, à família o direito de poder realizar o funeral à sua vontade, com a impiedade que muito bem entender. Os funerais de Diamantino da Anunciação e de Domingos Pereira assim o provaram, não somos nós que o inventamos.

Sob este triste destino vive—que ironia!—o infeliz José da Silva há mais de um mês. Preso há cerca de 40 dias, depois dum estágio de 14 dias no leito em virtude da doença, encontra-se naquela fossa, que por escárnio se chama calabouço, sem assistência médica, sem um único carinho, um único lenitivo. Sua pobre companheira não o pode ver, não pode prodigalizar-lhe o necessário tratamento que pelo menos lhe suavize o sofrimento.

Quando capturaram este temível «legiãoário» encontrava-se na esperança de ser internado no hospital para se tratar. Com dificuldade caminhava. Para o removerem para o governo civil os bárbaros agentes arrastaram-no do leito e em braços conduziram-no para uma camionete que o levou à rua Capelo.

No próprio gabinete do *sagaz Xefe*, José da Silva teve que ser amparado para não cair tal era a sua debilidade. Insensível o *Xefe* viu aquela cadáver ordenando a sua remoção para a esquadra do Alto do Pina que verta água pelas paredes. Depois de dois dias naquela estância o «legiãoário» foi para o Caminho Novo para convalescer sobre o «legado».

Desde que se encontra naquela vala humana foi José da Silva auscultado por um

médico que se limitou a receitar-lhe umas hostias e a aconselhar-lhe a tomar leite, tratamento que não pôde seguir em virtude do seu estado febril.

Se alguns médicos não aliassem à sua função humanitária a sua qualidade política não se conceberia que um médico ao verificar o estado do enfermo não o fizesse remover para o hospital. E por não se ter seguido este lógico processo José da Silva está irremediavelmente perdido. Nem leite já pode beber, porque quando o faz acto continuo tem que o deitar fora. Já não se alimenta.

E quer saber o leitor de que é acusado este tuberculoso? Nem mais nem menos do que ter participado no atentado ao comandante da polícia, e ser um dos «legiãoários» que em São Pedro de Alcantara esperava Ferreira do Amaral para o liquidar.

Pelo que o leitor já depreendeu, José da Silva, quando se deu o atentado referido estava na cama procurando vencer a terrível tuberculose que o definhava. Pois a polícia conseguiu descobrir que aquele «legiãoário» esteve em São Pedro de Alcantara para matar o sr. Ferreira do Amaral, coitado ele que não foi capaz de liquidar o terrível bacilo de Kock que o persegue implacavelmente há longos meses.

Todos estes factos são bem conhecidos das autoridades superiores da polícia que ali fazem permanecer o desgraçado sem respeito pelo seu estado que, repetimos, é bastante doloroso. Já dele nos fizemos eco mais duma vez, sem atavios literários, sem cambiantes forçados. O seu silêncio é bem a prova da anulação de todos os sentimentos de humanidade, é bem a demonstração dos seus sinistros desígnios.

Mas se a polícia não respeita os direitos que os costumes conquistaram é inevitável um movimento de repulsa onde as instituições de especialidades não podem negar o seu concurso, a sua valiosa cooperação. Está nestes casos a Liga dos Direitos do Homem que não pode ficar silenciosa perante a monstruosidade que se está cometendo para com o infeliz José da Silva. Deixar que ele permaneça na mesma situação morrendo ingloriamente para satisfação dos seus verdugos, é comprometer a própria Liga dos Direitos do Homem, onde figuras proeminentes como os drs. Magalhães de Lima e Agostinho Fernandes não consentirão a ignomia. E' o que esperamos ver antes que José da Silva seja levado para o cemitério.

## Greve metalúrgica na Bélgica

BRUXELAS, 18.—A greve dos metalúrgicos é geral em todo o país, elevando-se a 68.500 o número de grevistas.



Popular Portuguesa vem realizando. A tenacidade, a competência, a bela oratória dos seus dirigentes, traduz-se constantemente em factos.

A expansão deste estabelecimento de ensino torna-se dia a dia maior. Vão já a vários pontos de Lisboa e tem um raio de acção educativa que lhe dá margem a difundir o saber humano em vários dos seus aspectos mais úteis e mais modernos.

Sabe-se, em Portugal, dos mil e uma escolhos com que deparamos os educadores que uma obra sincera e útil resolveu realizar. A inveja, a oposição doutrinária, a luta de interesses, tudo isso que constitui a essência da guerra ao esforço dos que trabalham desinteressadamente, toma vulto, ergue-se inexorável e não tarda que os empenhados na obra se vejam a lutar, e quantas vezes, o que é pior, de arrear caminho.

Os directores da Universidade Popular, não conhecendo desânimos, não se assustando com entraves, continuam a caminhar e... é tudo.

Ontem foi um Serão de Arte Religiosa que constituiu a audição. Está bem. Todos temos conhecimento do papel que a religião desempenhou na arte e o cronista imparcial não pode deixar de constatar os aspectos interessantes que a arte mística tomou na evolução da mentalidade humana.

O que é preciso é que da simples constatação de factos, se não caia na hessiana, no elogio de uma ou de todas as correntes religiosas, só porque a arte lhes anda ligada.

As manifestações do génio artístico que, mercê das circunstâncias e do tempo, irromperam através de diversas modalidades estéticas, têm que ser registadas fora da intenção doutrinária, têm que ser sentidas independentemente do conceito errado e deletério que lhes deu origem. Uma página em pedra ou em música que traduza um acontecimento de carácter guerreiro, ou religioso, para ser apreciado não sómente de ser visto pelo lado da estética abstrahindo politicamente da causa que o determinou. Quanta beleza ao serviço dum maí causa, quanta arte em obediência a uma ideologia errada, ou funesta!

Aproveitei porém a arte que ocasionalmente irradia, para valorizar princípios falsos, ou para incensar tendências por nós menos úteis, é falsear a directriz da Arte, é capciosamente misturar a obra do artista com a propaganda doutrinária.

Por esse processo o pintor que reproduzisse uma cena excecível, estaria irremediavelmente condenado a passar perante nós como cúmplice do que reproduzira e até a beleza da Verdade da obra sob o ponto de vista artístico implicaria a sanção dela, porque o autor põe a sua alma de artista, na pintura. Pintar a alma das coisas, pôr na música o interior da vida, não deve nunca servir de pretexto para a justificação do que deu origem à manifestação de arte.

Vem estas considerações a propósito da conferência do distinto crítico de arte, António Arroio, que a par da sua erudição muito bem poderia ter colocado nesta ordem de ideias a orientação do recital, sem necessidade de fazer a apologia de Divindades e chegar até a conclusão que se não pode viver sem uma religião. A conferência valeu por isso muito quando se limitou ao campo puramente elucidativo e prejudicial às intenções da Universidade Popular, quando desceu à justificação de doutrinas e de profissões de fé de artistas, alguns dos quais não sabemos se, vivendo hoje, pensariam da mesma maneira.

Sobre o cumprimento do recital não há senão que elogiar a forma como ele foi organizado e a boa execução que lhe deram os sr.ªs D. Maria José Borges, D. Pilar Sérgio de Sousa, D. Amélia Pereira Coutinho e o sr. José Pereira, que bisono o Noel de Adam.

Permitimo-nos, porém, observar a nossa discordância em incluir no programa, o prelúdio do «Ophengrin» e o «Encanto de 6.ª feira Santa» do «Parsifal», que tocados no piano, não poderiam exemplificar a beleza mística das composições, antes, nos parecem prejudiciais.

Muito sensatas e bem explicativas as palavras da abertura do serão, pronunciadas por José Carlos de Sousa.

NOGUEIRA DE BRITO

## JÁ SAIU A 7.ª SÉRIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas \$800. A obra mais barata que no género se publica.

## DOCUMENTOS PERDIDOS

Pede-nos António Augusto de Matos, residente na travessa do Possolo, 18, 1.ª, que solicitemos à pessoa que tenha achado umas licenças canárias que perdeu nos primeiros dias da passada semana, o favor de lhes remeter ou entregar na sua casa ou entregá-las nesta redacção. Essas licenças dizem respeito às seguintes firmas: João Peixoto Valente, Confeitaria Brasil, João Lourenço Ramos, e Adriano Martins da Costa.

## NOVIDADES LITERÁRIAS

CAVALGADA DO SONHO

E

TERRAS DE FOGO

— DE —

Juliano Quintinha

2.ª Edição — Escudos \$800

A venda em todas as livrarias. — Pedidos à secção de Livraria de A Batalha

Teatro São Luiz

HOJE  
Telet. C. 224

SURPRESAS DO DIVÓRCIO

Preços populares

PROMENOIR, 1550 GERAL, 1500

LUXUOSOS SCENÁRIOS

## No Tribunal de Torres Novas

dois beaguins agrediram uma pobre velha depois de condenada iniquamente

TORRES NOVAS, 17.—Só há dias é que tivemos conhecimento dum caso ocorrido em Junho no tribunal desta comarca e digno de menção. A fim de elucidarmos os leitores imediatamente nos apressámos a colher pormenores que nos habilitassem a aclarar o caso.

Foi a sr.ª Maria da Piedade, de 54 anos, vendedeira de fruta, que à porta da sua residência nos narrou o caso, da forma que segue:

—Aqui há tempos—princípios a nossa entrevista—uma mulher do oficial de diligências Francisco Marques insultou minha filha e eu devolvi-lhe o insulto. Depois da troca de algumas palavras azedas a discussão terminou. Dias depois soube que estava processada...

—Mas diga-nos, o que se passou no tribunal.

—Já lá vamos. Para chegarmos ao tribunal foi mister explicar o que deu origem à sua intervenção.

E Maria Piedade prosseguiu: —Como deve saber o julgamento foi à porta fechada como é uso nestes casos. O processo continha palavras que em minha proféria, que nem sequer me passaram pela mente.

—Depois do juiz me ler a sentença que me condenou em 12 dias de prisão e 6 de multa a 6000 eu agradei-lhe. O juiz perguntou-me porque lhe agradecia. Respondi-lhe:

—Porque V. Ex.ª não me desterrou como era desejo das testemunhas.

—Não se passou mais nada?

—O melhor está ainda por contar, redarguiu Maria Piedade.

—Quando o juiz recolheu ao gabinete o oficial de diligências Pereira introduziu-me no gabinete onde se encontrava o seu colega Marciano. Este numa atitude arrogante insultou-me e agrediu-me com uma bofetada.

—E o que se passou depois?

—Queixei-me imediatamente ao juiz que me disse: vá-se embora...

—Antes que eu saísse os oficiais expulsaram-me violentamente da sala, com tal bestialidade que ia caindo nas escadas.

—Conheceu o herói?

—Foi o beaguim Pereira. O mesmo que, quando eu já estava na rua e me queixava a minha filha, furioso torceu-me um braço e deu-me um soco do qual conservo este vestígio, apesar de já terem decorrido 29 dias.

E a nossa interlocutora mostrou-nos o braço contundido que ainda conserva visível a equimose.

Para fechar a entrevista: —Não julgue que ficou por aqui a selvajaria dos mesmos algozes, diz-nos ainda a nossa entrevistada.

—Deram-me um violento empurrão que por pouco não cai no chão.

Retiramo-nos. Estava cumprida a nossa missão. Os leitores que façam os comentários merecidos não se esquecendo de que Maria da Piedade em resultado das agressões e dos insultos, teve que recolher ao hospital civil onde se conservou 19 dias sob os cuidados do dr. Almeida e Górgio.

—C.

## Os rendimentos dos operários

Na morgue deu entrada um marítimo cuja identidade se ignora e que quando saltava para uma fragata fundeada na doca de Alcântara, caiu ao rio, chegando já morto ao hospital de São José, onde o óbito foi verificado pelo cirurgião de serviço.

## Assistência infantil

Inicia-se amanhã a época balnear da Cruz Quebrada

Devido aos esforços do vereador sr. Alexandre Ferreira e do pessoal encarregado da construção das barracas na Praia da Cruz Quebrada, destinadas a cozinhar, refeitórios e guarda dos fatos das crianças, inicia-se amanhã a época balnear para o primeiro grupo composto de 1300 crianças de ambos os sexos, das escolas primárias oficiais e subsidiadas pela Câmara Municipal. As crianças serão conduzidas para a referida praia em carros da Companhia Carris pela seguinte forma:

No Conde Barão as crianças das escolas n.ºs 62, 3, 18, 24, 72, 3 e 37 da Voz do Operário e Centro Castelo Branco Saraiwa.

No Rossio as crianças das escolas n.ºs 80, 81 e 7. No carro do Poço do Bispo, as crianças das escolas n.ºs 53, 54 e Grupo de Instrução Nova. Carro de Santa Apolónia, as das escolas n.ºs 71 e Centro Fernão Boto Machado. No carro do Largo de Alcântara as das escolas n.ºs 56. No carro do Largo de Alcântara as das escolas n.ºs 16. No carro da Ribeira Velha, as das escolas n.ºs 51, Cantina de São Miguel e n.ºs 26 da Voz do Operário. No carro de Santo Amaro, as das escolas n.ºs 36, 63, 30 e 32 da Voz do Operário. No carro de Santo Amaro, as das escolas n.ºs 64. Sociedade Promotora, Centro de Belem e escola n.ºs 38 da Voz do Operário. Estes carros sairão dos locais indicados às 8 horas precisas.

Na próxima quinta-feira, realiza-se no Coliseu dos Recreios, gentilmente cedido pelo sr. Ricardo Covões, a «Festa da Alegria», que as crianças internadas nos institutos da Província Central da Assistência, dirigida pelo dr. sr. Luís Gama, oferecem à cidade de Lisboa, e em especial às crianças internadas em estabelecimentos da assistência particular.

A entrada para assistir a esta festa, cujo programa está sendo elaborado com muito mimo e será executado pelas referidas crianças, far-se-há por convites, os quais começarão a distribuir-se depois de amanhã.

Hoje reúne a comissão encarregada de elaborar o programa.

Grupo Dramático Lisboense. — Hoje, às 21 horas, baile.

Concentração 24 de Agosto. — Hoje, baile a dueto.

Teatro Nacional

HOJE E TODAS AS NOITES

TIO DA MINH'ALMA

ADMIRÁVEIS CRIAÇÕES DE ILDA STICHINI e JOSÉ RICARDO

A EXTRAORDINÁRIA BURLESCA E HILARIANTE PEÇA

Na próxima semana: ISABEL TUDOR

Grande film histórico da Inglaterra do século XVI

ÀS 8 3/4 HORAS DA NOITE

## A guerra de Marrocos

Os rifenhos organizam a sua aviação

TANGER, 18.—Nos arredores de Xexão assinala-se o início dos trabalhos preparatórios dum campo de aviação rifenha, que se dizem dirigidos por aviadores alemães.

Os mouroes continuam na sua ofensiva sobre Fez, fazendo-se preceder dum vasto movimento de rebelião das tribus ainda fiéis aos franceses.

No campo francês de aviação de Casablanca foram descobertas novas tentativas de destruição.

Dizem que a situação melhora para os franceses

TANGER, 17.—A situação melhorou na linha de batalha francesa, no sector de Ouezzan, onde o inimigo sofreu enormes perdas, o mesmo lhe sucedendo na linha do Ouergha, onde abandonou 250 mortos e feridos em torno da posição de Keilanasles. Abd-el-Krim pediu aos djeballas o envio urgente de vários contingentes para combater os franceses, o mesmo tendo solicitado dos audjares, que ainda não responderam ao apelo do chefe rifenho.

Rivera tem sempre boas notícias...

MADRID, 17.—O general Primo de Rivera declarou aos jornalistas que várias colunas espanholas em operações no Rif de sembaracaram a posição de Casa Humido Benidir, ocupando as alturas e ravinas estratégicas dos arredores.

Um general francês acha grave a situação

MARSELHA, 18.—O general Naulin chegou esta manhã a caminho de Marrocos, declarando aos jornalistas que a situação é na verdade bastante séria, não desconhecendo as dificuldades a vencer num período de forte calor, quasi sem estradas e com os mais rudimentares meios de transporte.

O general Naulin disse ainda que não poderá, de momento, fazer mais que improvisar um plano metódico que as circunstâncias imponham.

Interrogado sobre o tempo provável da duração das hostilidades, o comandante geral das forças de Marrocos disse não poder precisar, pois trata-se dum inimigo capaz de combater toda a vida, afirmando apenas que nada poupará para reduzir o inimigo à impotência.

O general Naulin partiu às 11 horas para Casablanca.

Pétain vai comandar as forças aéreas

PARIS, 18.—Afirma-se que o general Pétain vai comandar as forças aéreas francesas que cooperarão com as terrestres na repressão da revolta rifenha.

RABAT, 18.—O marechal Pétain chegou ontem à tarde, conferenciando em seguida largamente com o marechal Lyautey.

Pétain recebido pelo Sultão

RABAT, 18.—O Sultão recebeu hoje com toda a solenidade o marechal Pétain.

E os rifenhos prosseguem na ofensiva

RABAT, 18.—Os rifenhos prosseguem na sua ofensiva sobre Fez, tendo atacado violentamente anteontem o posto de Oued-Harin, ao norte de Teroual, e a posição de Ain Matoui, sendo repellidos com importantes perdas. A aviação contribuiu largamente para o êxito da defesa, bombardeando as concentrações inimigas.

CASABLANCA, 18.—Os mouroes tentaram de novo, sem êxito, sabotar e incendiar o campo de aviação francesa.

Diz-se que Abd-el-Krim não conseguiu os reforços precisos...

TANGER, 18.—Assigura-se que Abd-el-Krim não conseguiu obter dos djeballas e dos audjares os contingentes que lhes solicitou. Os rifenhos sofreram importantes perdas nos combates ultimamente travados no Ouergha.

...mas apodera-se do caminho de ferro para Fez

TANGER, 18.—O caminho de ferro estratégico entre Fez e Ainaich está em poder dos rifenhos numa extensão de seis quilómetros, tendo sido capturadas as guardas de alguns pequenos postos franceses.

## FESTA DA ALEGRIA

Realiza-se quinta-feira no Coliseu dos Recreios

Na próxima quinta-feira, realiza-se no Coliseu dos Recreios, gentilmente cedido pelo sr. Ricardo Covões, a «Festa da Alegria», que as crianças internadas nos institutos da Província Central da Assistência, dirigida pelo dr. sr. Luís Gama, oferecem à cidade de Lisboa, e em especial às crianças internadas em estabelecimentos da assistência particular.

A entrada para assistir a esta festa, cujo programa está sendo elaborado com muito mimo e será executado pelas referidas crianças, far-se-há por convites, os quais começarão a distribuir-se depois de amanhã.

Hoje reúne a comissão encarregada de elaborar o programa.

Grupo Dramático Lisboense. — Hoje, às 21 horas, baile.

Concentração 24 de Agosto. — Hoje, baile a dueto.

Teatro Nacional

HOJE E TODAS AS NOITES

TIO DA MINH'ALMA

ADMIRÁVEIS CRIAÇÕES DE ILDA STICHINI e JOSÉ RICARDO

A EXTRAORDINÁRIA BURLESCA E HILARIANTE PEÇA

Na próxima semana: ISABEL TUDOR

Grande film histórico da Inglaterra do século XVI

ÀS 8 3/4 HORAS DA NOITE

## 'A Batalha' na provincia e arredores

### Cascais

Os exploradores de turistas são este ano roubados...

CASCAIS, 16.—A colónia hespanhola que todos os anos frequenta Cascais em grande número, não vem este ano.

Farta de ser roubada pelos comerciantes de toda a espécie, vai este ano para outro lado.

Os proprietários também pedem rendas fantásticas, mas passarão pelo desgosto de verem as casas às moscas.

Bem fazem *meus hermanitos* em assim proceder. É a melhor forma de dar um lição aos *Cirineus*.

Com o início do verão os géneros subiram de preço, principalmente o peixe e as hortaliças.

Entrar no mercado é o mesmo que entrar num ninho de exploradores. Querem ganhar em três meses para viverem durante todo o ano sem grande incomodo. As classes pobres durante o verão são imensamente prejudicadas no custo da vida, pois toda a gente é explorada sem excepção.

As autoridades não coíbem estes abusos que aumentam cada dia.

Os operários e o futebol

A mania do futebol atacou toda a gente e agora vai alastrando pelas classes operárias.

Todas as semanas se realizam às 18 horas um ou dois desafios entre operários de diversos mestres de obras no campo do Parque Estoril.—C.

### Coimbra

Sobre um crime de estupro

COIMBRA, 17.—Dissémos há dias que a sombra das festas de São João e São Pedro, um grupo de seis indivíduos tinha rapto, numa fogueira em Montes Claros, duas raparigas, uma das quais tinha apenas 14 anos e que nelas tinham saciado seus instintos brutais de homens-feras.

Hoje, porém, fomos procurados por um indivíduo, cujo nome ocultamos até que seja preciso, contando-nos que o caso se não passara como relatámos, não tendo havido raptos mas duas raparigas que queizaram passar de automóvel, não oferecendo resistência em nada—antes pelo contrário.

Como porém o caso está entregue a quem destas coisas tem de tomar conta, a nós resta apenas esperar, deixando o que acima relatamos para que se não diga que A Batalha escreve com ódio a este ou aquele.

Não é verdade o que primeiro publicamos? A verdade está na informação que nos deram hoje?

Iremos averiguar melhor, ou por outra, aguardaremos o que sobre o assunto se passar—visto ele estar entregue às autoridades.—C.

## SÃO LUIZ

O público continua prestando inteira justiça aos magníficos espectáculos deste teatro, não faltando calorosos aplausos aos intérpretes da engrandíssima comédia «Surpresas do divórcio».

UM SUCESSO INEGUALVEL

O grande torneio de luta no Coliseu dos Recreios

Hoje, segundo dia de combate — O mais assombroso espectáculo da actualidade

Se a noite de ontem foi de entusiasmo para o público, a de hoje não o será menos com os combates de luta entre o simpático e heroico soldado da grande guerra, belga, Constante Le Marin e o tcheco-slovaco Peter Landau; o austríaco Petiz e o espanhol Bistarrica e o holandês Van der Berg e o alemão Stolzenwald. São três combates encarniçados que o público há de, fatalmente, seguir com emoção e curiosidade.

O resto do programa é também de molde a causar alegria e surpresa pela exibição da admirável artista Ventura nas suas fantasias luminosas no reino das flores, Irmãs Martins, nos seus exercícios coreográficos e a interessante «troupe» Sibaritas que executa vários e admiráveis números de canto e dança.

Os espectáculos do Coliseu continuam a ser os mais interessantes; mais variados e mais baratos de Lisboa.

## DESPORTOS

FUTEBOL

O Nacional de Montevideo contra o Sporting Club de Portugal

Depois de uma série de peripécias, havidas nos últimos dias, em que numa hora se dizia que não se realizava o encontro reclamado nos grandes diários, para noutra se afirmar estar ele autorizado pelos órgãos nismos dirigentes, peripécias que deram origem a debates, estabelecendo vários temas doutrinários a respeito da pouca corrente forma de organização desportiva comercial abdicada pelos seus eventuais organizadores, realiza-se de facto hoje, no Campo Grande, pelas 18 horas o anunciado desafio, com a aparente característica de beneficência, em prol do Asilo D. Pedro V.

Tem o grupo do Uruguay na sua longa viagem pela Europa, afirmado bem o seu valor futebolístico, a ponto de toda a gente que se interessa por este género de desporto, ambicionar vê-los. A sua última exibição, no Porto, onde venceram a seleção do Norte por 7-2, mais ainda veio despertar essa ansiedade.

Será ela satisfatória hoje, visto que o Sporting se preste a fazer o jogo, anunciando poder apresentar a sua linha completa, na intenção de pôr à prova a sua superioridade, em competência com o Norte e o cioso de fazer um melhor resultado do que o atingido ali na última quinta-feira. E o que esperamos ver confirmado, quando não seja presentemente época própria para desafios de futebol e por não se encontrar o Sporting na sua melhor forma.

Homenagem do «S. L. B.» ao Ribeiro dos Reis e aos seus jogadores internacionais

Foi acolhido com bastante entusiasmo por um grande número de sócios do popular clube lisboeta, o objectivo da comissão que se constituiu para organizar uma homenagem aos seus consócios Ribeiro dos Reis e mais jogadores classificados internacionalmente.

Essa manifestação, que terá lugar no próximo dia 2 de agosto, constará de um banquete na Garret e da oferta de distintivos dos clubes, trabalho interessante de joalheria, dum fino gosto, em ouro, prata e pedras preciosas.

A inscrição, tanto para o banquete como para as oferendas, continua aberta até ao 30 do corrente.

Grupos de Futebol Nacional

Em assembleia geral realizada em 22 de mês p. p. foram eleitos os corpos gerentes para o ano de 1923-24 os seguintes senhores:

Assembleia geral: Presidente, Carlos Alves Dinis; 1.º secretário, António Abreu e Silva; 2.º secretário, António de Oliveira. Corpo fiscal: Raúl José Dias, Albertino Garcia e Humberto dos Santos. Direcção: Presidente, Armando Duarte; 1.º secretário, Joaquim Gama; 2.º secretário, José Paulino; tesoureiro, Manuel Cordeiro; vogal, Raúl Salgado e cobrador José de Carvalho.

AUTOMOBILISMO

Está já anunciada para os 6 de Agosto próximo, a IV corrida da rampa da Pimenteira no percurso de 1500 metros organizada pelo jornal «Os Sports».

Avançar pelas adesões recebidas é de esperar grande número de inscrições tanto de Lisboa como de fora. A estrada vai ser concertada e a organização cuidada. Junto ao local da chegada serão construídos panchões e uma garagem para os carros.

A inscrição provisória pode ser feita desde já em carta dirigida a «Os Sports».

A corrida será por categorias sendo a primeira até 1.100 metros também haverá uma prova para carros de corrida.

Sára de Matos

3.º aniversário do seu assassinato

Comemorando o aniversário do repugnante crime que foi perpetrado em 23 de Julho de 1891, no convento das Trinas, por um masmarrado da Companhia de Jesus e completado pela irmã colecta do mesmo Coito. A direcção da Associação do Registo Civil, realiza no próximo domingo 26 do corrente, uma manifestação que irá até ao cemitério dos Prazeres, junto do túmulo daquela infeliz criança. A direcção espera que todas as agremiações liberais, sem distinção de partidos, se farão representar nessa manifestação que partirá da praça Restauradores, com o acompanhamento da banda 31 Janeiro, de Fanhões.

ESPERANTO

Cursos por correspondência. — Começaram já funcionando, devendo com o decorrer utilizar-se dirigir-se a Dias Pinheiro—Rua do Souto, 17, 2.ª, Porto—a quem está entregue toda a correspondência sobre o assunto.

AVENIDA

O LOBO, essa Jela hierárquica, que é um trecho da vida palpitante, activa e transbordante do «has-fendi», representa-se hoje e todas as noites no Avenida.

VIDA ANARQUISTA

Grupo Germinal. — Refine amanhã, pelas 20 horas.

DENTES ARTIFICIAIS a 2500. Extracções sem dor a 1500. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 2000. Dentaduras completas sem placa em «cauchú». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO

R. Garrett, 74, 1.ª (Chiado)

AVENIDA

Telef. N. 4355

HOJE









## PROBLEMAS DE CLASSE

### Os empregados de Escritório ante a C. G. T.

Tudo no mundo se despenhou depois da última guerra. Aquela guerra, que levou a vida milhões de criaturas em plena mocidade, parece ter imprimido um movimento forte a todas as manifestações universais. A gente pôs-se a encarar os factos, sob todos os seus aspectos: económicos, políticos e sociais, e não atina com a velocidade da sua realização. Parece que o próprio eixo da terra se deslocou.

O tempo, na sua inclemência, sugere-nos a rajada de calor mais fortes, ou fios mais cortantes, em deslocação ao período que passa; e nós concluímos que, por perdemos a noção exata das coisas, ou uma anormalidade em tudo se regista.

Mas, como no tempo, na vida, nas nossas relações com o mundo, tudo sofreu.

As forças exploradoras do trabalho humano refinaram de perversão. Antes, o patrão mantinha a linha, embora vaga, uma feição humana. Não ia longe a sua solidariedade para com o servo, mas dispensava-lhe uma certa assistência. O grito de «Salve-se quem puder», que as vítimas lançaram na frente da batalha, quando massas mortíferas de metralha sobre elas caíam, parece ter ecoado em todos os campos, e, desde então, verificamos que a luta não podia ficar restrita aos indivíduos duma determinada função, que se aliam entre si para opor barreira à engenharia que os esmagava, sob o ponto de vista económico. Notamos que os campos se haviam estreitado. Duma lado estavam reunidos todos aqueles que exploram a produção, protegidos pela ignorância dos produtores, que até lhes forneciam as armas com que eram sujeitos à condição de escravos; do outro, dispersos pelo espanto e impreparação, a grande massa trabalhadora.

Desde então a luta tornou-se mais intensa, e quer num que noutro, reduziu-se radicalmente a necessidade de estreitar laços de solidariedade, já não só entre os indivíduos duma mesma classe, mas de todas as classes entre si.

Fortaleceram-se os organismos confederais do proletariado, criaram-se no campo oposto iguais aparelhos de luta. No comércio simples, na própria indústria se vem estabelecendo essa unidade, para opor resistência à concorrência, e ao espírito de justiça que as classes escravizadas atingem e porque se revoltam, exigindo que as tratem num justo pé de igualdade até que se possa romper com todos os privilégios, garantindo a sociedade a cada um o que lhe for necessário e exigindo-lhe do seu esforço o que lhe seja possível produzir.

E quando assim todos vêm encarando o problema social no campo da luta não faz sentido que a Direcção da Associação de Classe dos Empregados de Escritório de Lisboa, meditando mal o seu gesto, venha lançar um plebiscito à classe para saber se ela se deve conservar integrada na C. G. T.

Admitia-se o contrário. Por isso lutamos, e lutaram connosco alguns dos que hoje fazem a proposta e lançam o plebiscito. Foi com alegria que nos integramos na luta sindical e com tristeza que agora vimos tratar esse assunto, tendo de terçar armas, enquanto forças nos restaram, para que não seja levado à prática um semelhante recuo da nossa classe.

Sabemos qual o nosso lugar quando o mundo tomar a sua face normal e humana. Nós, no imenso escritório universal, seremos aqueles que recolhem, por números, toda a produção, que regularizam todo o consumo que indicam as possibilidades em todos os campos de energia e saber humano. Essa será muito lentamente a nossa função, e desde já queremos iniciar o nosso trabalho. Quando tudo desmoronar não estamos de pé para indicar aos outros o que será necessário lançar mão para atenuar o caos natural que sucede a todos os grandes movimentos. Se assim não pôde deixar de ser, e o confessamos todos os que vemos na associação de classe um pouco mais do que um órgão pelo qual vamos obter mais proveitos, no sentido económico da palavra, como e para que propor ou sequer pensar numa fuga do único refúgio onde devemos estar e para onde devemos chamar os pusilânimes?

Mas — o motivo do plebiscito não será uma fuga — nos dirão. Que circunstâncias outras, de carácter financeiro, aliadas a uma necessidade de desviar para outros trabalhos de feição organizadora o dinheiro que vai para a C. G. T., norteou aquela proposta.

Procuramos entender esse critério e simplesmente não o achamos inteligente, quando lhe atribuímos aquela boa fé que tantas vezes nos tem levado a erros. Exigim de nós todos os sacrifícios que fazemos de bom grado, mas não tirem ao organismo a sua única razão de existir: como Associação de Classe.

Prosseguir por esse caminho é matar um organismo. Na vida tudo é relativamente igual, todos os órgãos se completam. Com funções diferentes, embora, todos obedecem a um centro para onde convergem todas as onde irradiam a acção intensa; por isso sendo a classe dos empregados de escritório para a sociedade um órgão de função indispensável não se compreende que deixe de estar ligado ao corpo social.

A questão financeira tem muitas outras formas de se resolver quando se esteja disposto a trabalhar pelos organismos, e a Associação de Classe dos Empregados de Escritório conta no número dos seus associados indivíduos bastante inteligentes que não precisarão de certo de recorrer a esse expediente, digno somente de qualquer dona de casa a quem se lhe entolha para sair de qualquer dificuldade única e simplesmente lo penhor.

Política, se política há nesse gesto, é preciso bani-la do nosso meio.

J. Campelo

## UM TRÁIDOR

Com o pedido de publicação recebemos o seguinte comunicado:

«A comissão administrativa da Secção Profissional dos Mecânicos em Madeira, em sua última reunião, resolveu irradiar de sócio o baixo delator Manuel Augusto de Vasconcelos Silveira, lembrando a todos os mecânicos em madeira que lhe devem distanciar a mão do despesa.»

## PELA ORGANIZAÇÃO METALÚRGICA

### A missão dos sindicatos na presente época

Longe vai a época em que os trabalhadores podiam esperar descançadamente para o dia de amanhã que o patrão, o explorador de sempre, lhe viesse no dia seguinte dar mais uns míseros vinténs, que iam assim entreter um pouco mais a miséria do operário e também de sua família, porque na grande maioria é ele sempre quem com os seus parcos ganhos mantém a sua prole.

Mas os tempos foram decorrendo, outros métodos foram adoptados na indústria sempre na mira do maior interesse e novas táticas foram tomadas pelos trabalhadores.

A medida que a indústria ia servindo-se do progresso para seu desenvolvimento com maquinaria mais aperfeiçoada, o industrial ladravés ia retendo as já conquistadas regalias e preparava-se para resistir e evidentemente contar com a servidão dos seus escravos — os operários.

No entanto a falange de militantes vindo que o patronato se unia para enfrentar uma possível luta redimiam em volta de si os seus camaradas de trabalho e servidão e decidiram reclamar o que de direito lhes pertencia como produtores e homens conscientes, e assim se formaram os sindicatos.

E certo que nem sempre os mesmos têm correspondido aos desejos dos mais conscientes, mas a culpa tem sido daqueles que tão afastados andam do seu baluarte de defesa — o Sindicato — entregando tudo à mercê de alguns — sempre os mesmos — abandonando os seus verdadeiros direitos como homens e produtores, e prejudicando os seus de quem eles são o único sustentáculo pelo seu vigoroso braço de artifice.

O momento que passa já não é de paliativos, as realidades têm de ser enfrentadas; para isso é necessário que os metalúrgicos se comprometam de que no seu respectivo Sindicato e só lá, juntos uns com outros, sem ódios nem paixões, cada um dando o pouco que sabe, que junto fará muito, e que se tratará da sua situação económica, moral e física, tanto no enfrentamento do constante aumento do custo de vida, como nas horas de trabalho, higiene nas oficinas, trabalho dos menores, mulheres, etc., tudo quanto se prende com a sua situação de homem livre e produtor; para isso é preciso aparecer sempre que se chamado, não só por avisos especiais distribuídos pelas oficinas como também pelos constantes comunicados no nosso órgão *A Batalha*, dando cada qual o que tem dar muito.

Foi no desejo apenas de ver a classe à altura do momento que passa, e ansiando por ver o seu baluarte — o Sindicato — próspero e os metalúrgicos homens livres e respeitados, tanto mais que conta elementos de subido valor, embora muitos ignorantes da sua função, outros por ignorantes da sua força como trabalhadores associados, vão assim relegando os seus direitos como trabalhadores e preparando no futuro muito nebuloso para os seus filhos, produto da inércia dos pais.

Um importante documento vai ser apreciado na próxima assembleia do Sindicato de Lisboa.

Foi neste desejo, dizíamos, que na passada assembleia geral efectuada em 7 do corrente foi apresentada a moção que segue, que por ter matéria que precisa ser apreciada e ponderada para ser discutida com o necessário conhecimento, se há de apreciar na próxima sexta-feira.

Considerando que a acção sindical dos organismos deve ser desenvolvida de modo a fazer convergir a atenção do proletariado para os seus respectivos sindicatos de indústria e a confiar nestes no sentido da sua integral emancipação;

Considerando que é necessário portanto colocar o nosso Sindicato à altura da sua missão, quer mantendo as células enunciativas no estatuto, como instituindo outras, que se julgue conveniente, e ainda aulas, biblioteca, etc., não só na sede central, como também nas suas secções;

Considerando que para a consecução destes objectivos se torna mister que a receita se eleve de maneira a cobrir os encargos provenientes da introdução dos melhoramentos supra-citados e a citar:

Conclusão 1.ª — Que seja votado igualmente em princípio o aumento de cota sindical para 1500 (um escudo) semanal.

Conclusão 2.ª — Que a comissão administrativa fique incumbida de enviar a todos os actualizados sindicados uma circular-plebiscito a fim de que os mesmos se manifestem cabal e positivamente quanto ao estabelecimento na conclusão anterior.

Conclusão 3.ª — Que a comissão administrativa, ao redigir a citada circular, nela indique as vantagens que julgar convenientes e realizáveis, pelo facto do supracitado aumento.

Conclusão 4.ª — Que igualmente a comissão administrativa traga à assembleia geral o resultado desse plebiscito. Lisboa, 7 de Julho de 1925. — Quirino Moreira, José Gonçalves.

metaram ante o Sindicato a respeito do regulamento do horário de trabalho. As casas que ainda o não fizeram, e cujo pessoal está em greve, são um número insignificante.

Escusa *A Época* de perder o seu tempo com fantasiosas entrevistas para criar mau ambiente ao movimento, porque ele está já moralmente ganho, muitíssimo pouco faltando para o estar absolutamente.

Lamentamos sinceramente que o «ilustre» jornalista que confeccionou a entrevista, tivesse sido tão infeliz.

Realiza-se hoje, pelas 21,30 precisas, no Salão de Festas da Construção Civil; uma festa, em que toma parte o grupo dramático «Solidariedade Operária», representando-se o drama, em três actos, «Scenas de miséria». Representa-se também um dueto social de Jorge Mateus e José Marques.

Far-se-ão ouvir cultivadores da canção nacional do «Grupo Precursores do Fado». A festa é abalhoada pelo grupo musical «O Cravo».

O fim desta festa é auxiliar a instrução. Para tão bela obra se pede o auxílio de todos os proletários.

ELVAS, 15. — De há muito que a crise de trabalho levou a miséria aos lares dos trabalhadores rurais.

A isto não ligam importância os lavradores que, como o sr. Luís Couto, mandou vir trabalhadores doutros terras sem saber quanto vinham ganhar e o dr. Manuel Vicente de Abreu, que deixou bastante trigo por ceifar por achar caros os salários. E lamentável que a classe rural elvense se não uniu no seu Sindicato para apreciar estas coisas que a sua vida interessam. — E.

Considerando que dos 15.000 metalúrgicos existentes em Lisboa, apenas uns escassos 2.000 são associados;

Considerando que contemporaneamente senão concebe o direito a nenhum proletário de se negar a contribuir com a sua cota parte, quer moral quer material, para o Sindicato, pois que este pela sua constituição básica abrange a todos os componentes da mesma indústria;

Considerando que os militantes que conhecem a psicologia da massa operária constatarem no entanto a existência na nossa indústria de elementos que não são sindicalizados devido à sua inconsciência, uns, devido ao seu grau de maldade, outros, e outros ainda por não terem tido quem lhes indicasse o bom caminho;

Considerando mais que se apresentam por vezes no nosso Sindicato assuntos que requerem solução imediata, e ela se não verifica por virtude de muitas vezes essa solução implicar a nomeação de comissões, que algumas das vezes não chegam a constituir-se, por a natureza da composição dos militantes que em geral as compõem ser incompatível com a perda de horas ou dias nas respectivas oficinas;

Considerando ainda que vários camaradas lá que se negam a fazer parte dessas comissões sob o pretexto embora velado, mas tão razoável de que a sua inclusão implicaria um olhar vago por parte dos industriais ou proprietários da oficina onde trabalham;

Considerando que essas anomalias só servem simplesmente para desgastar uns e criar uma categoria de maldizentes que, embora sem a menor noção do que sejam os princípios ideológicos que norteiam a organização operária sindical, sentem todavia a necessidade de que os seus interesses e objectivos imediatos sejam tratados com a brevidade necessária.

Os abaixo assinados num direito legítimo ao abrigo do artigo 7.º dos estatutos deste Sindicato, do qual fazem parte submetem à apreciação da sua assembleia geral, em harmonia com as considerações supra, e ainda confiados de que uma vez na prática, obviarão um tanto as anomalias que se tem verificado, as seguintes conclusões:

Conclusão 1.ª — Que seja votada em princípio a sindicalização obrigatória de todos os metalúrgicos da área abrangida pelo Sindicato de Lisboa.

Conclusão 2.ª — Que para pôr-se em execução a matéria contida na conclusão anterior se principie por distribuir propostas por todas as oficinas por intermédio dos vários delegados, os quais farão a propagação necessária concernente à sua total sindicalização.

Conclusão 3.ª — Que esses delegados ou outros camaradas dêem parte a um membro da comissão administrativa, especialmente nomeado para esse efeito, de todos os nomes, profissões e oficinas onde trabalham aqueles que não queiram sindicalizar-se, os quais serão inscritos num livro especial.

Conclusão 4.ª — Que seja nomeado um delegado efectivo ao qual o Sindicato pague diariamente o seu ordenado e que comparecerá onde quer que a sua presença se torne necessária a fim de representar o Sindicato e defender regalias conquistadas ou a conquistar pelo mesmo, bem como entrevistar as entidades competentes quando encarregado pela célula sindical competente.

Conclusão 5.ª — Que seja votado igualmente em princípio o aumento de cota sindical para 1500 (um escudo) semanal.

Conclusão 6.ª — Que a comissão administrativa fique incumbida de enviar a todos os actualizados sindicados uma circular-plebiscito a fim de que os mesmos se manifestem cabal e positivamente quanto ao estabelecimento na conclusão anterior.

Conclusão 7.ª — Que a comissão administrativa, ao redigir a citada circular, nela indique as vantagens que julgar convenientes e realizáveis, pelo facto do supracitado aumento.

Conclusão 8.ª — Que igualmente a comissão administrativa traga à assembleia geral o resultado desse plebiscito. Lisboa, 7 de Julho de 1925. — Quirino Moreira, José Gonçalves.

metaram ante o Sindicato a respeito do regulamento do horário de trabalho. As casas que ainda o não fizeram, e cujo pessoal está em greve, são um número insignificante.

Escusa *A Época* de perder o seu tempo com fantasiosas entrevistas para criar mau ambiente ao movimento, porque ele está já moralmente ganho, muitíssimo pouco faltando para o estar absolutamente.

Lamentamos sinceramente que o «ilustre» jornalista que confeccionou a entrevista, tivesse sido tão infeliz.

Realiza-se hoje, pelas 21,30 precisas, no Salão de Festas da Construção Civil; uma festa, em que toma parte o grupo dramático «Solidariedade Operária», representando-se o drama, em três actos, «Scenas de miséria». Representa-se também um dueto social de Jorge Mateus e José Marques.

Far-se-ão ouvir cultivadores da canção nacional do «Grupo Precursores do Fado». A festa é abalhoada pelo grupo musical «O Cravo».

O fim desta festa é auxiliar a instrução. Para tão bela obra se pede o auxílio de todos os proletários.

ELVAS, 15. — De há muito que a crise de trabalho levou a miséria aos lares dos trabalhadores rurais.

A isto não ligam importância os lavradores que, como o sr. Luís Couto, mandou vir trabalhadores doutros terras sem saber quanto vinham ganhar e o dr. Manuel Vicente de Abreu, que deixou bastante trigo por ceifar por achar caros os salários. E lamentável que a classe rural elvense se não uniu no seu Sindicato para apreciar estas coisas que a sua vida interessam. — E.

## As vítimas de Vera

### A acção torva da Espanha, dos conventos e das touradas

O comité pró-presos de Espanha publicou em Paris um emocionante folheto, relatando os acontecimentos de Vera, e cujo produto se destina à defesa de mais três camaradas, envolvidos nesses trágicos acontecimentos, que estão ameaçados de pagar com a vida o seu amor à humanidade.

A besta sangüinária do militarismo riverista a pesar de já ter assassinado cruelmente três camaradas nossos como autores materiais da agressão à guarda civil, ainda não está satisfeita, e quer levar ao garrote mais outros três camaradas como inspiradores e chefes do movimento de Vera.

Do referido folheto vamos transcrever as páginas que descrevem a execução de Santillán e Enrique Gil e o suicídio de Pablo Martins, para que se veja a selvática insensibilidade, com que se aniquilam friamente vidas na plenitude da sua força e cheias de sentimentos generosos e altruístas.

#### A execução

A nossa pena é incapaz de dar uma ideia exacta da terrível intensidade do drama.

Os trabalhadores de Pamplona, dando prova dum elevado sentimento de dignidade humana, negaram-se a construir o patíbulo. Por isso os carrascos se viram obrigados a realizar tão ignominioso e repugnante trabalho.

O cárcere de Pamplona é dos chamados «modelos», tendo, portanto, a capela no centro; ao lado da mesma costuma-se levantar o cadafalso.

Deram as oito da noite do dia que precedeu a execução.

O cárcere encontrava-se mergulhado num silêncio sepulcral.

Em breve, os verdugos perturbaram este silêncio começando a realizar a sua obra monstruosa.

Oh! aquele ruído! A sua impressão não pode ser imaginada por aqueles que não atravessaram as circunstâncias psicológicas particulares aos condenados à morte. Se, estes, por um instante, no silêncio da noite, esqueciam a sua sorte, angustiosa, e deixavam o pensamento vagar, perder-se, concentrar-se na recordação dos seus queridos, ali estavam os carrascos com as suas diabólicas marteletas para recordar-lhes a trágica e dolorosa realidade!

E, no entanto, as vítimas conservaram até ao momento supremo essa admirável serenidade, que dá a força da convicção e do amor do ideal.

Pela meia noite, Paulo Martín e Henri Gil receberam um telegrama dilacerante de suas respectivas mães e, então, só então, eles choraram um instante. Choram, não por debilidade nem covardia, mas perante a fatalidade que tão injustamente os condenava a morrer; as suas lágrimas foram lágrimas de raiva e, também, lágrimas de ternura e de dor perante o pensamento de que, para sempre, abandonariam as suas mães.

Passada esta crise sentimental — muito natural, e que revela a bondade do seu coração — recobramos a impassibilidade tranquila e a altiva serenidade, que não deviam jamais abandoná-los.

No momento, em que ia ser executado, Gil exclamou:

— Morro mártir!

E, na verdade, morreu como sempre finha-vivido, pois que, a pesar da sua constituição raquítica, esquecia-se de si mesmo para pensar nos outros.

Os aparelhos que emprega a justiça espanhola são tão antigos que Gil, depois de lhe ter sido aplicado o garrote, teve nove minutos de espantosa agonia.

Também Santillán se comportou até ao fim como um verdadeiro anarquista.

O doutor Jurasti, que lhe assistiu durante toda a noite com o objectivo de realizar um minucioso estudo psicológico das últimas horas dum condenado à morte não pôde dominar a sua surpresa perante semelhante serenidade e sangue-frio.

Santillán deu provas dum convencimento mais profunda que a do Cristo da lenda, pois que este desalece, enquanto Santillán não teve nem um minuto nem um sinal de fraqueza, persuadido como estava de que morria pelo bem da Humanidade inteira, sem excluir aos seus mesmos inimigos.

Quando se lhe pôs o collar mortal falou alguns minutos, expressando os seus agradecimentos ao defensor, ao povo de Pamplona, e em geral a todos que se tinham interessado pelo seu indulto. Declarou, além disso, que o movimento empreendido pelos seus camaradas e por ele não tinha fracassado, e que marcava o prólogo duma revolução libertadora, que não somente restituíria ao povo espanhol as regalias perdidas, mas que o colocaria à frente dos povos, que gosam da maior soma de liberdades.

Ao aplicar-lhe o aparelho sinistro pronunciou estas palavras, que permanecerão como uma eterna flagelação para os governantes espanhóis:

— Mata-me a tirania, não a justiça!

Em seguida, voltando-se para o carrasco, disse-lhe:

— Tu, acaba depressa, e não me faças sofrer.

O verdugo, porém, cedendo aos seus instintos de incrível ferocidade e levando a sua crueldade até ao último ponto, em vez de acelerar a morte da vítima, comprazeu-se em prolongar durante dezasseis minutos as suas indizíveis torturas. Em vão protestaram os médicos, e todos quantos presenciavam esta horrível agonia. O carrasco não fez caso algum destes protestos.

Deixamos para o fim o caso de Paulo Martín, porque este merece, assim se pode dizer, menção especial.

Como os seus dois companheiros, Paulo Martín tinha a convicção absoluta da sua inocência.

Não ignorando que a sua execução tinha sido imposta para satisfazer a ruim paixão de vingança que animou a Guarda Civil, e para escapar às mãos repugnantes do carrasco, teve um gesto de heróica intrepidez que deixou assombrados a todos os que dele foram testemunha. Desprezando-se bruscamente do braço do sacerdote, que o acompanhava, e antes de que algemadesse, evitou-lhe, subiu, rapidamente, as escadas que conduziam ao segundo andar e com as mãos cruzadas precipitou-se da galeria ao colmo morrendo instantaneamente.

## AS GREVES

### A dos condutores de Carroças

Mais casas atenderam as reclamações

A comissão de «démarches» recebeu ontem mais adesões, sobre o cumprimento do horário de trabalho das seguintes casas:

Viúva Marques & Filhos, Francisco da Olíria, António Caetano Pinheiro, Sociedade Cruz Sobrinho Lda., Viúva de Joaquim da Silva, Mário de Carvalho Lda., José Gonçalves Carreira, Adelino & Irmãos, Eduardo José da Rosa, Manuel F. Vozze & C.ª Irmãos, Domingos Fernandes, Xara Brasil Lda., Ribeiro da Costa & Ca., Pedro Henriques.

Estes são os proprietários que ontem vieram apresentar os seus documentos legais, pelos quais se comprometem a cumprir com o horário de oito horas de trabalho. Além destes já temos também em nosso poder mais 1210 adesões de que proprietários têm vindo a apresentar ao nosso Sindicato, faltando ainda as casas que já várias vezes têm vindo a publicar nas colunas deste jornal.

O seu pessoal ainda não se rende conforme eles o julgam. Estando acostumados a darem ao seu pessoal 12 e 14 horas de trabalho por dia, não querem de forma alguma agora cumprir com o horário de oito horas.

Camaradas! A comissão do vosso Sindicato aconselha-vos a não retomardes o trabalho sem que os patrões venham apresentar as suas adesões, pois que só assim podemos vencer e adquirir as regalias que nos pertencem e que de há tantos anos vimos lutando para as adquirirmos.

#### A comissão administrativa

### Uma assembleia magna

Reúnem em assembleia magna hoje, pelas 14 horas, os condutores de carroças para apreciar o que diz respeito ao horário de trabalho e apresentar à classe as adesões dos proprietários que nestes dias têm vindo trazer ao nosso Sindicato. A comissão pede a comparecência de todos os condutores e em especial das casas que se encontram ainda em luta.

#### Secção do Poço do Bispo

A comissão comunica aos trabalhadores em luta pelo horário de trabalho que aderiram às reclamações da classe os seguintes proprietários: M. Tavares de Lemos, A. Lutziana, Parceria Vinícola Portuguesa, António Canto, Antócio d'Oliveira, Branco Rosa & C.ª, E. Ribeiro, António Alberto, João André, Domingos António Martins & C.ª (Filhos), Adelino M. da Fonseca & C.ª, Leonel António Silva, Luís Marques Diogo & C.ª (Filhos), Jesuino Fernandes & Filhos, Bernardino da Silva, Serafim Gonçalves Freiria, Abel Francisco, A. J. Pereira, T. Queiroz Lda., Empresa Industrial de Madeiras Lda., Serafim da Silva Rodrigues, Companhia Nacional de Adubos. São estes os proprietários que até ontem tomaram o compromisso para com esta secção, de dar o horário de 8 horas de trabalho aos condutores de carroças e bem assim pagarem todas as horas extraordinárias como marca o artigo 21.º do decreto 10782 — de 20 de maio último.

Encontram-se ainda em luta os condutores da casa da área do Poço do Bispo Manuel dos Santos Vilar.

Este proprietário sempre foi e continua sendo dos mais renitentes em atender as nossas reclamações por sempre ter condutores com menos critério que o próprio animal que trazem à sua frente.

Não sabem estes senhores que não é com a solidariedade dos proprietários que eles vivem, mas sim com a solidariedade dos companheiros de trabalho. E tempo desses trabalhadores se põem ao lado de todos os outros que estão lutando para que lhes seja dado aquilo que lhes pertence, não indo retomar o trabalho sem que esse senhor mande o compromisso ao nosso Sindicato de que cumpre com o horário de trabalho.

Também se encontram em luta os condutores da casa Luís Ribeiro. Este senhor ainda não tomou o compromisso do horário de trabalho, por ter ao seu serviço um «chaffeur» que não tem horário e tem o apoio da polícia podendo andar ele só com duas e 3 carroças atreladas como se fosse um comboio e a polícia de nada disto faz caso.

Há ainda a Companhia Industrial Portugal e Colónias, que tem os seus condutores em luta pelo motivo de ter ao seu serviço uns 80 ou 90 caminhões que trabalham de dia e de noite sem que os seus «chaffeurs» reclamem aquilo que lhes pertence.

A comissão da secção do Poço do Bispo apela para a direcção dos «chaffeurs» para que os chame e os ponha ao facto dos seus direitos, já que eles o não sabem.

Estão também em luta os camaradas da casa Abel Pereira da Fonseca pelo motivo de não querer a casa cumprir com a lei e por ter os «chaffeurs» que lhe vão fazer o serviço.

#### Condutores presos

Encontram-se nos calabouços do governo civil, à ordem da P. S. E., José dos Santos, João de Castro Júnior e Manuel Maria de Azevedo.

Encontram-se nos calabouços do governo civil, à ordem da P. S. E., José dos Santos, João de Castro Júnior e Manuel Maria de Azevedo.

Encontram-se nos calabouços do governo civil, à ordem da P. S. E., José dos Santos, João de Castro Júnior e Manuel Maria de Azevedo.

Encontram-se nos calabouços do governo civil, à ordem da P. S. E., José dos Santos, João de Castro Júnior e Manuel Maria de Azevedo.

Encontram-se nos calabouços do governo civil, à ordem da P. S. E., José dos Santos, João de Castro Júnior e Manuel Maria de Azevedo.

Encontram-se nos calabouços do governo civil, à ordem da P. S. E., José dos Santos, João de Castro Júnior e Manuel Maria de Azevedo.

Encontram-se nos calabouços do governo civil, à ordem da P. S. E., José dos Santos, João de Castro Júnior e Manuel Maria de Azevedo.

Encontram-se nos calabouços do governo civil, à ordem da P. S. E., José dos Santos, João de Castro Júnior e Manuel Maria de Azevedo.

## Vida Sindical

### C. G. T.

Comissão Organizadora do Congresso

Reúne amanhã, às 21 horas.

#### Conselho Confederal

Reúne depois de amanhã, às 21 horas, para apreciação de trabalhos pendentes de reuniões anteriores.

#### COMUNICAÇÕES

**Pescadores de camarão e marisco.** — Reúnem amanhã em assembleia, apreciando a resposta do chefe do departamento marítimo de Aveiro sobre a proibição de uso de armadilhas denominadas bitores.

Sobre o primeiro assunto foi resolvido que amanhã a comissão administrativa procure o chefe do Departamento Marítimo do Centro, Lisboa, e por votação nominal foi aprovado que a classe dê a sua adesão à Federação Marítima.

**S. U. C. C. — Secção profissional dos mecânicos em madeira.** — Por falta de número não pôde reunir anteontem a assembleia geral.

#### CONVOCAÇÕES

REÚNEM HOJE:

**Pessoal menor dos teatros e cinemas.** — A assembleia geral, às 10,30 horas, para preenchimento de cargos vagos e outros assuntos.

DIAS PRÓXIMOS:

**S. U. Mobilário.** — Reúne terça-feira, a assembleia geral, pelas 21 horas. Por ser a quarta convocação reúne com qualquer número.

**Federação do Livro e do Jornal.** — Reúne, na próxima terça-feira, pelas 18,30 horas o Conselho